

O BADMINTON A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA COEDUCATIVA: A PRÁTICA DOCENTE EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

*Luciano Nascimento Corsino¹
Nathalia Chaves Gomes²*

RESUMO

O objetivo da presente pesquisa foi identificar o ponto de vista de uma professora de educação física acerca das relações de gênero durante a prática do badminton a partir de um programa de nove aulas, em uma escola municipal de ensino fundamental da cidade de São Paulo. Trata-se de uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa, que se utilizou de entrevista semiestruturada como técnica para coleta de dados. Após a análise dos dados, identificou-se que o badminton se apresentou como um esporte desconhecido pelos alunos e alunas, pode ser um importante tema a ser desenvolvido no cotidiano escolar e sua problematização oportunizou cruzamentos das fronteiras de gênero, que são aspectos dificultadores do trabalho do/a professor/a de educação física.

Palavras-chave: educação física, relações de gênero, esportes com raquete.

INTRODUÇÃO

O principal objetivo deste estudo foi identificar a concepção de uma professora de Educação Física sobre a aplicação de um programa bimestral que buscou abordar o esporte Badminton com um olhar potencializado para as relações de gênero durante as aulas de Educação Física, a partir de um programa bimestral desenvolvido com

Recebido para publicação em 05/2013 e aprovado em 09/2013.

¹Mestre em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência pela UNIFESP. Especialista em Educação para as Relações Étnico-Raciais pela UFSCar. Professor de Educação Física na Prefeitura de São Paulo – SME/SP.

² Professora da Prefeitura de São Paulo – SME/SP, Especialista em Educação Física: fundamentos teóricos e a prática profissional na escola – UNICAMP.

alunos e alunas de 7ª série do Ensino Fundamental II, em uma escola de ensino fundamental localizada na zona norte da cidade de São Paulo.

Um dos critérios para a escolha do tema foi a necessidade encontrada pelo fato de, principalmente, as meninas apresentarem um nível considerável de desinteresse em participar das aulas de Educação Física e de os/as alunos/as acreditarem que esta é composta apenas por esportes tradicionais, como o futsal, o voleibol, o handebol e o basquetebol.

A partir de experiência profissional em campo e realização de diagnóstico, foi percebido-se que essas turmas de 7ª série, anteriormente, tiveram intercorrências nas aulas de Educação Física, devido ao grande número de substituições de professores/as, o que prejudicou a continuidade do trabalho; o futsal tornou-se o tema abordado de forma predominante, tendo em vista que, por ser uma manifestação histórica e culturalmente percebida como masculina, havia pouca participação das meninas, fato responsável, entre tantos, pelas separações e hierarquizações no interior das aulas. Essa concepção foi enraizada nas aulas de Educação Física, tornando-se característica comum e não questionável nas referidas turmas.

Considerando essa premissa, verificou-se a necessidade de abordar um tema menos conhecido pelos/as alunos/as, que pudesse contribuir para maior participação do público feminino, assim como proporcionar uma Educação Física que oferecesse aulas “misturadas”³, em busca de garantir a coeducação⁴. Para Corsino (2011), a coeducação não se faz presente apenas por meio das “misturas”, e sim a partir de iniciativas que abordem as construções históricas e sociais responsáveis pelas hierarquizações de gênero no interior das manifestações da Cultura Corporal.

Assim, como principal limitação da presente pesquisa, ressaltamos que a análise realizada poderá desvendar apenas uma das facetas responsáveis pela promoção ou não da coeducação no

³ O termo “misturadas” refere-se ao convívio entre pessoas de diferentes grupos sociais em um mesmo ambiente, considerando que essa convivência contribui para as transformações dos sujeitos que experienciam essa relação. Em dissertação de mestrado, Corsino (2011) apropriou-se desse termo para investigar a prática da Educação Física entre meninas e meninos. Para mais referências sobre esse entendimento de mistura e sobre o conceito de “mixité”, pesquisar em Zaidman (1996, 2002), Hirata (2000) e Auad (2004, 2006).

⁴Para um aprofundamento sobre o conceito de coeducação, ver Auad (2004).

interior das aulas de Educação Física e que esta só poderá ser alcançada com efetividade a partir de uma mobilização que envolva todo o grupo de professores/as, gestores/as e funcionários/as, assim como o apoio de políticas educacionais que considerem as relações de gênero nos processos de escolarização.

No programa, o gênero foi considerado uma categoria de análise histórica e social (SCOTT, 1995), que possibilita um olhar potencializado para as relações de poder entre o feminino e o masculino, de modo a romper as múltiplas invisibilidades, as quais muitas vezes são responsáveis por velar as práticas hierarquizadas e até mesmo as inúmeras violências de gênero presentes na escola.

Um dos grandes desafios enfrentados pelas/os professoras/es de Educação Física em sua prática pedagógica é atribuído à adoção de uma postura adequada para o trabalho com turmas mistas (SOUZA JUNIOR; DARIDO 2003; ALTMANN et al., 2011; CORSINO; AUAD, 2012). Separar meninas e meninos durante as aulas e diferenciar as atividades de acordo com o sexo são estratégias adotadas por muitos/as professores/as para lidar com os conflitos; além de tudo, ainda há uma incorporação desse modo de organização pelos alunos e alunas. Portanto, é necessário considerar que o simples fato de juntar meninos e meninas não é garantia de uma revisão de preconceitos e discriminações existentes em nossa sociedade.

O esporte Badminton e sua relevância para a Educação Física escolar

O Badminton foi o elemento cultural⁵ utilizado para a garantia dos princípios pedagógicos de diversificação de conteúdo e possibilidade de oferecer oportunidades iguais para meninas e meninos participarem das aulas de Educação Física.

Segundo Gonçalves et al. (2012), o Badminton é praticado individualmente ou em duplas, nos naipes feminino, masculino e misto. O número de praticantes no Brasil e no mundo tem aumentado significativamente. É considerado por muitos como o esporte de raquetes mais rápido do mundo. Surgiu na Índia, onde era chamado de

⁵Para consulta a respeito da proposta de sistematização de conteúdos e os elementos culturais da Educação Física no Ensino Fundamental II, verificar os estudos de Sanches Neto et al. (2006) e Sanches Neto e Betti (2008).

Poona; soldados do exército inglês interessaram-se e levaram a novidade para a Inglaterra em 1870.

O nome atual foi adotado nesse período, em razão do nome do local onde era praticado por aristocratas ingleses: Badminton House, a residência campestre do duque de Beaufort na Inglaterra. A partir de então, passou a ser conhecido como “O Jogo de Badminton”. O jogo continuou a ser praticado com as regras trazidas da Índia até 1887, quando um grupo de jogadores decidiu fundar um clube e ajustar as regras, que se mantêm até a atualidade.

Gonçalves et al. (2012) consideram o esporte de fácil aprendizagem e afirmam que ele possui diversas características de extrema relevância, pois desenvolve o raciocínio, a estratégia, o rendimento esportivo, bem como as habilidades psicomotoras, como a coordenação motora, lateralidade, estruturação espacial e temporal, entre outras capacidades. O Badminton permite ao sujeito o desenvolvimento das capacidades físicas, cognitivas, afetivas e sociais, transformando o corpo em um instrumento de percepção da realidade externa e interna perante a realização de seus movimentos.

As características apontadas por Gonçalves et al. (2012) podem ser apropriadas pela Educação Física escolar e aproveitadas a partir do Badminton, tendo em vista que muitas delas fazem parte dos objetivos historicamente construídos no interior das abordagens pedagógicas da área.

Para além das características específicas desse tema, Hreczuck et al. (2011) ainda chamam a atenção para o fato de que o Badminton é um esporte de mínimo contato físico, sem restrições de tipos físicos para a sua prática cotidiana e que possibilita e torna fácil a interação social entre os praticantes, o que pode ser uma característica importante, a qual se revela favorável a uma prática menos conflituosa e mais reveladora quando se pensa sobre as relações de gênero durante as aulas de Educação Física.

Percursos metodológicos

A presente pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipal de São Paulo, que oferece Ensino Fundamental I e II. A escola está localizada na periferia da zona norte de São Paulo e foi inaugurada no ano de 2009; para a prática da Educação Física, possui uma quadra

coberta e um espaço pequeno, que se divide em uma miniquadra e um parque de diversões, com dois brinquedos.

Trata-se de uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa. Para a coleta de dados, foi realizada a técnica de entrevista semiestruturada ou semidiretiva, com uma professora de Educação Física que possui cargo efetivo e leciona na escola desde que ela foi inaugurada. Para Severino (2007, p. 124), a técnica de entrevista é importante para o pesquisador que pretende identificar o que os informantes “pensam, sabem, representam, fazem e argumentam”.

Considerando a necessidade de entendimento sobre o que a professora percebeu no cotidiano de seu trabalho, ela foi convidada a descrever sua percepção sobre as nove aulas, sempre abordando a inserção do esporte Badminton e o desenrolar das relações de gênero durante as aulas.

A entrevista foi feita na própria escola, após o horário de trabalho da professora; procurou-se agir da forma mais natural possível, a fim de que a professora pudesse se sentir à vontade para descrever o que foi identificado durante suas aulas.

A análise dos dados foi realizada a partir da literatura disponível, considerando-se os estudos responsáveis por abordar o Badminton, apresentando o seu processo histórico e suas principais características e os estudos de gênero na área da Educação Física escolar, sobretudo aqueles fundamentados na obra da pesquisadora americana Joan Scott.

As relações de gênero na prática do Badminton

Segundo a professora, o desenvolvimento metodológico de trabalho é fundamentado a partir do estudo de Libaneo (1994) e deve-se a três principais métodos, escolhidos e registrados no planejamento anual da disciplina de Educação Física. O *método expositivo* é a atividade de explicar a matéria; nele, os conteúdos são apresentados verbalmente para os alunos, a atividade dos alunos será receptiva, porém nunca totalmente passiva. São utilizadas duas formas de exposição: a verbal, que tem como principal função explicar de modo sistematizado um assunto desconhecido ou quando as ideias dos/as alunos/as forem insuficientes ou imprecisas. A explicação da matéria leva em conta dois aspectos: proporcionar conhecimentos e habilidades e permitir que os/as alunos/as consigam se beneficiar da matéria de

um modo receptivo-ativo. Há também a exposição ilustrativa, que é uma forma de apresentação gráfica, por meio de imagens, filmes, desenhos etc.; a intenção é enriquecer a explicação da matéria, facilitando a aprendizagem.

O *método de trabalho independente* é caracterizado pela aplicação de tarefas orientadas pelo professor; os alunos devem resolvê-las individualmente ou até em grupo, utilizando seus conhecimentos prévios de uma forma totalmente criativa. Uma das principais características desse método é a observação da atividade mental dos/as alunos/as. A intenção da utilização desse método é pautada principalmente no momento da tarefa preparatória da unidade didática, pois é o momento em que os/as alunos/as descrevem o tema que será abordado e respondem um breve questionário sobre este; assim, o/a professor/a poderá colher informações prévias sobre o conhecimento dos/as alunos/as, levantar problemas que posteriormente serão aprofundados e, também, provocar uma atitude interrogativa nos/as alunos/as.

O terceiro método é o da *elaboração conjunta*, que permite a conversação ou discussão com a classe, permitindo assim a intervenção dos/as alunos/as em relação aos conteúdos discutidos durante a aula; eles/as poderão intervir e expor seus pensamentos, levando-os a público e permitindo que façam parte do diálogo através de aulas abertas. Dessa forma, a intenção é que, através desses métodos e conteúdos, os/as alunos/as possam refletir e agir sobre a realidade em que vivem.

Para que os objetivos sejam totalmente atingidos, há necessidade de que os aspectos externos (os conteúdos de ensino) e os aspectos internos (as condições mentais e físicas dos/as alunos/as para assimilação dos conteúdos) do processo de ensino sejam mutuamente relacionados.

Segundo a professora de Educação Física responsável pelas aulas, a primeira e segunda aulas sobre o Badminton consistiram de sua apresentação aos alunos e alunas, através da demonstração de seus equipamentos: a peteca e as raquetes. Em seguida, ela realizou uma série de questionamentos a fim de identificar os conhecimentos prévios sobre o esporte. As respostas a esses questionamentos foram registradas no caderno que os alunos utilizavam para a disciplina de Educação Física:

Nas duas primeiras aulas eu questionei se os alunos já conheciam o esporte, como eles achavam que era jogado, se sabiam qual era o objetivo do jogo. Também houve uma contextualização sobre o esporte, suas principais características, equipamentos utilizados e o principal objetivo do jogo. Posteriormente, eles registraram tudo no caderno (PROFESSORA).

O esporte Badminton era totalmente desconhecido por todos/as os/as alunos/as das cinco turmas participantes da pesquisa, porém, inicialmente, houve curiosidade em conhecê-lo. Alguns dos motivos podem ter sido o nome incomum do esporte e a utilização dos equipamentos apresentados pela professora:

Nenhum aluno conhecia o Badminton e demonstraram bastante interesse em conhecê-lo; elas relacionaram o esporte à 'raquete de matar mosquito', o que facilitou a aprendizagem do Badminton, pelo fato dos movimentos se assemelharem; então, quando os alunos foram vivenciar o esporte, eles imaginavam que a peteca era um mosquito e com a raquete tentavam matá-lo, tanto que muitos não conseguiam falar o nome do esporte e o apelidaram de 'mata mosquito'. E assim, na terceira e quarta aula, vivenciaram de forma livre, no qual ficaram separados em trios ou quartetos, pois não havia raquetes para todos (PROFESSORA).

Para a professora, todos/as os/as alunos/as participaram e se envolveram intensamente com o esporte, interagindo de forma bastante criativa. Eles/as criaram diversas regras: enquanto dois jogavam, um ou dois assumiam a função de árbitros, e muitos grupos se organizavam para delimitar um espaço adequado, ora com uma rede imaginária, ora com uma rede adaptada.

Os/as alunos/as montaram os grupos livremente, de acordo com as afinidades, e, em todas as turmas, num dado momento da aula, praticamente todos os grupos se desmontavam, pois a professora orientava para que trocassem de grupos e jogassem com os colegas que ainda não haviam jogado.

Ao contrário do que postulou alguns dos estudos de gênero na Educação Física escolar (ALTMANN, 1998; ALTMANN et al., 2011; CORSINO; AUAD, 2012), parece que o nível de rendimento nessas aulas não foi um dado relevante, tendo em vista a não identificação das hierarquizações de gênero:

Todos apresentavam praticamente o mesmo nível de rendimento, o que possibilitou uma maior participação entre os alunos e alunas, e não tinham receio de jogar 'contra', faziam questão de se desafiarem, sem medo de saber jogar ou não, se iriam errar ou não, ganhar ou perder. As vitórias eram distribuídas: às vezes meninos ganhavam, às vezes meninas ganhavam, não sendo notadas desigualdades de gênero ou resistências e fronteiras entre meninos e meninas; todos jogaram juntos, não foi observado nenhum tipo de discriminação ou exclusão (PROFESSORA).

Na quinta e sexta aulas, a professora problematizou a história do Badminton com os/as alunos/as, e eles/as construíram um texto sobre a origem do esporte. Inicialmente, eles ficaram livres para discutir e criar a própria história. Após isso, a partir de uma aula expositiva, a professora explicou sobre como foi o processo de desenvolvimento, as regras e as principais características do Badminton:

Teve aulas em que elaborei textos com os alunos sobre a origem e regras do Badminton, discutimos sobre a transformação do jogo (criado na Índia) em esporte (na Inglaterra), a questão de ser um esporte de elite, ou seja, analisamos a construção histórica do Badminton, relacionando com a de outros esportes, refletindo sobre a prática feminina e masculina para trabalhar as questões de gênero (PROFESSORA).

A situação relatada pela professora corrobora o estudo de Corsino e Auad (2012), ao afirmar a necessidade de problematização dos elementos culturais, de modo a identificar os processos aos quais as práticas corporais foram submetidas. Essa postura permite o entendimento sobre as construções histórico-sociais que impõem o feminino ou o masculino como representação de determinadas manifestações.

Na sétima aula, a professora apresentou vídeos sobre o Badminton, demonstrando jogos em duplas e individuais, femininos, masculinos e mistos, a fim de proporcionar uma visualização de como o Badminton é praticado profissionalmente. Esse fato estimulou ainda mais o interesse e a curiosidade dos/as alunos/as pelo esporte:

Quanto aos vídeos, tirei do 'youtube' mesmo, peguei aleatoriamente aqueles que poderiam contribuir para eles visualizarem como era o jogo; também tinha um vídeo com as regras, que explicava sobre

o funcionamento do Badminton; teve outro com reportagens também, sobre o Badminton e sobre a seleção brasileira, tratando da diferença de estrutura e apoio aos jogadores de Futebol para os de Badminton (PROFESSORA).

Na oitava e nona aulas, foram trabalhadas e vivenciadas as regras oficiais do Badminton, relacionadas e comparadas aos vídeos de jogos profissionais e ao que foi vivenciado pelos/as alunos/as durante todo o programa:

Os alunos vivenciaram o Badminton com as regras oficiais e em suas modalidades individuais e em dupla, organizadas em feminino, masculino e misto. Não houve diferenças significativas nas disputas, todos os jogos apresentavam o mesmo nível de habilidade. Esse fato foi problematizado com os/as alunos/as, onde relacionamos com outros esportes, discutindo e ressignificando as relações de gênero. Os alunos pesquisaram sobre o Badminton e foi construído um texto coletivo sobre a origem, equipamentos para prática, principais regras e onde praticar, como trabalho de finalização do programa (PROFESSORA).

Após a finalização do programa desenvolvido, o tema Badminton também foi abordado no projeto interdisciplinar desenvolvido pela escola sobre as Olimpíadas e Paralimpíadas do ano de 2012; cada disciplina desenvolveu trabalhos para esses eventos.

Como um dos produtos finais do projeto, foi realizado “Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Fontalis”, ocorrendo um campeonato entre as salas de 7ª série, que ofereceu vários esportes, inclusive o Badminton. Cada aluno/a poderia escolher dois esportes olímpicos e dois paralímpicos para se inscrever como participante.

Na competição de Badminton, os alunos e alunas se inscreviam de acordo com seu interesse, no qual formavam duplas que poderiam ser mistas, femininas ou masculinas, e jogavam uma dupla contra a outra, conforme a tabela, em uma disputa de eliminatória dupla consolação (PROFESSORA).

Houve aproximadamente 20 duplas inscritas nas diferentes formações, tanto meninas e meninos, meninas e meninas, como

meninos e meninas. A professora relatou que a disposição das duplas por gênero ficou equilibrada:

Houve um equilíbrio de gênero, uma quantidade equilibrada de meninos e meninas participando do campeonato. Os jogos foram bastante disputados, e não foram apresentadas desigualdades nos jogos. Mas o resultado final do campeonato foi o primeiro lugar para uma dupla masculina, o segundo lugar para uma dupla mista e o terceiro lugar para uma dupla feminina (PROFESSORA).

Apesar do equilíbrio relatado pela professora entrevistada, parece que, ao considerar os resultados finais do campeonato, prevaleceu a hierarquia de gênero historicamente construída em nossa sociedade, mas que se impõe como um dado refutável, face ao considerável avanço percebido durante todo o processo de desenvolvimento do programa, principalmente quando se pensa na necessidade de uma Educação Física escolar coeducativa.

Compreende-se, portanto, que o tratamento do Badminton na escola pesquisada foi direcionado para aquilo que é considerado ser a coeducação, ou seja, em nenhum momento os/as alunos/as apresentaram rejeição ou associação a um determinado gênero; pelo contrário, mostraram-se interessados/as e se sentiram motivados/as devido às novas e diversificadas possibilidades de aprendizagem; todos/as se identificaram e não apresentaram grandes dificuldades, desde a primeira até a última aula.

Considera-se que a ausência de conflitos não foi evidenciada devido ao silenciamento das hierarquizações de gênero, muito comuns durante as aulas separadas (CORSINO, 2011), e sim devido a um conjunto de fatores que, empreendidos, intencionalmente, em busca de uma Educação Física escolar coeducativa, considerou desde o planejamento anual, passando pelas estratégias de ensino e, finalmente, pelos conteúdos abordados durante as aulas, os quais foram favoráveis ao tratamento das relações de gênero durante as aulas de Educação Física na escola pesquisada.

Em razão do sucesso desse programa, muitos alunos e alunas que não se sentiam à vontade em praticar esporte passaram a se identificar com o Badminton e, até mesmo, a solicitar a prática desse esporte para a professora. Meninas e meninos se “misturavam” durante as vivências, sem que houvesse atitudes que pudessem, de alguma

forma, silenciar e, tampouco, engendrar as diferenças hierarquizadas durante as aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos relatos da professora, foi possível compreender que o Badminton pode ser inserido no currículo vivido como possibilidade de significativa intervenção pedagógica na Educação Física escolar, que minimiza as fronteiras nas relações de gênero, além de garantir a diversificação dos conteúdos e uma participação mais efetiva, tanto para meninas como para meninos. Portanto, trata-se de uma iniciativa rumo à coeducação, a qual pode ser tomada como exemplo de atividade curricular que pode e deve ser debatida, pensada e ressignificada, a fim de que se possa contribuir para aquilo que consideramos como necessário para uma prática pedagógica de excelência no âmbito da Educação Física Escolar.

ABSTRACTS

BADMINTON FROM A CO-EDUCATIONAL PERSPECTIVE: A TEACHING PRACTICE IN A MUNICIPAL SCHOOL OF SAO PAULO

The current research aimed to identify the point of view of a physical education teacher about gender relations during the practice of badminton from a nine classes program in a municipal elementary school in São Paulo. This is a descriptive research, qualitative by nature, which used semi-structured interviews as a technique for data collection. After analyzing the data, it was identified that badminton is presented as an unknown sport for boys and girls, it can be an important subject to be developed in the day-to-day basis school and its problematization provided the opportunity of crossing gender boundaries, that are hindering aspects of the work of the physical education teacher.

Keywords: physical education, gender relations, racquet sports.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens da Educação Física**. 1998. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

ALTMANN, H.; AYOUB, E.; AMARAL, S. C. F. Gênero na prática docente em educação física: meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar? **Revista Estudos Feministas** (UFSC. Impresso), v. 19, p. 491-501, 2011.

AUAD, D. **Relações de gênero nas práticas escolares: da escola mista ao ideal de co-educação**. 2004. 232 f. Tese (Doutorado em Educação: Sociologia da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

_____. **Educar meninos e meninas: relações de gênero na escola**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

CORSINO, L. N.; AUAD, D. **O professor diante das relações de gênero na Educação Física escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

CORSINO, L. N. **Relações de gênero na educação física escolar: uma análise das misturas e separações em busca da coeducação**. 2011. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências: Educação e Saúde na Infância e na Adolescência) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2011.

GONÇALVES, R. et al. A importância da tomada de consciência no jogo badminton. **Revista Fiep Bulletin**, v.82, special edition, article I, 2012.

HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle. (coordenação). **Dictionnaire critique du féminisme**. Paris: Presse Universitaire de France, 2000.

HRECZUCK, D. V. et al. Introduzindo um novo esporte no país do futebol: a visão de um gestor. **Revista Científica Joepf**, Curitiba, v. 11, n. 2, ano 8, 2011.

LIBANEO, A. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

SANCHES NETO, Luiz; VENÂNCIO, Luciana; OKIMURA, Tiemi; ULASOWICZ, Carla. Sistematização de conteúdos temáticos na Educação Física escolar: Uma proposta de professores-pesquisadores. In: FONTOURA, P. (Ed.). **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2006. v. 4. p. 270-274.

SANCHES NETO, Luiz; BETTI, Mauro. Convergência e integração: uma proposta para a educação física de 5ª a 8ª série do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 22, n.1, p.5-23, jan./mar. 2008.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA JUNIOR, O. M.; DARIDO, S. C. Influências da cultura escolar no desenvolvimento de propostas co-educativas em aulas de Educação Física. **Revista Motriz**, Rio Claro, SP, v.9, n.3, p. 143-151, set./dez. 2003.

ZAIDMAN, Claude. **La mixité à l'école primaire**. Paris: L'Harmattan, 1996.

_____. La mixité en questions: des résistances religieuses à la critique féministe, ou l'actualité de la question de la mixité scolaire. **Raison Présente**. Paris, Nouvelles Éditions Rationalistes, n. 140, 2002.

Endereço para correspondência:

Rua Professor Vasco de Queiroz Guimarães, 177
07122-220 Guarulhos SP
E-mail: luciano.corsino@hotmail.com